

## O RIO DE JANEIRO E O “ESPETÁCULO DA MODERNIDADE”

**Márcia Araujo Oliveira<sup>1</sup>, Susana Mara Miranda Pacheco<sup>2</sup>**

1 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de História – Bolsista PIBIC/CNPq – Rua São Francisco Xavier, 524 4º andar sala 4026-D – Maracanã – CEP. 20550-013 – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
[marcinhamao@yahoo.com.br](mailto:marcinhamao@yahoo.com.br)

2 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Departamento de Geografia – Coordenadora do Grupo de Estudos Terciários do Rio de Janeiro (GETER) – Rua São Francisco Xavier, 524 4º andar sala 4026-D – Maracanã – CEP. 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil –  
[susanamp@uerj.br](mailto:susanamp@uerj.br)

**Palavras-chave:** **Palavras-chave:** Exposições Universais, Modernidade, Rio de Janeiro.

**Área do Conhecimento:** História

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo afirmar o Rio de Janeiro como centro produtor de idéias, conhecimento e inovações, condição que se manifesta na realização de eventos de grande porte. Para atingir os objetivos deste eixo de análise foram pesquisadas as grandes exposições que ocorreram no Rio de Janeiro em 1908 e 1922, buscando mostrar como a cidade se organiza para a realização de grandes eventos e os impactos que se produzem no espaço urbano. Para tal foi realizada pesquisa em periódico referentes a esses eventos para a obtenção de dados que elucidassem o objeto de estudo. As grandes exposições pesquisadas foram marcadas por questões urbanísticas de reestruturação do espaço público e por políticas higienistas, que afetaram a configuração territorial no período. Os impactos no espaço urbano se manifestam tanto pelo deslocamento de pessoas e atividades para outras áreas da cidade quanto pela construção do próprio espaço das exposições. A pesquisa constatou a produção de uma imagem urbana e de uma idéia de nação, assim como os impactos causados ocasionalmente na estrutura urbana e no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

### Introdução

Este trabalho está inserido no projeto “A Modernização do Rio de Janeiro: Internacionalização e Reestruturação Urbana” desenvolvido pelo Grupo de Estudos Terciário do Rio de Janeiro, da UERJ. Tem por objetivo afirmar o Rio de Janeiro como centro produtor de idéias, conhecimentos e inovações, condição que se manifesta através da realização de eventos de grande porte. Para atingir, os objetivos deste eixo de análise foram pesquisadas as duas grandes exposições que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX – a Exposição Nacional de 1908, Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos e a

Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922.

### Materiais e Métodos

Para tal foi realizada, inicialmente, um pesquisa historiográfica sobre as Exposições Universais do século XIX para entendermos a dimensão desses eventos, principalmente nas cidades sedes e, ainda, percebermos a importância dessas feiras para o mundo Ocidental. Após essa primeira etapa foram pesquisadas em periódicos, as duas grandes exposições ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, Exposição Nacional de 1908 - Comemorativa do Centenário da Abertura

dos Portos e a Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922.

### Discussão

No ano de 1798 na França, ocorreu a primeira exposição de produtos industriais de âmbito nacional. Essas exposições tornaram-se freqüentes no mundo ocidental, principalmente na França e na Inglaterra. Com a grande repercussão destes eventos, surgem a partir da segunda metade do século XIX as Exposições Universais, de caráter internacional, sendo a primeira, realizada no ano de 1851, em Londres. É importante ressaltar, que o aparecimento das exposições internacionais não determinou o fim das exposições nacionais, que continuaram sendo realizados nos países expositores, principalmente como prévia das Exposições Universais.

As Exposições Universais eram verdadeiros espetáculos de exaltação ao progresso, à ciência, à técnica, à máquina – à civilização. Nas palavras de Margarida Souza Neves são “Templos ao Progresso” (NEVES, 1988, p.32). Nesse ambiente fausto e interdisciplinar, coexistiam em um espaço reduzido “informações industriais, formação técnica, comunicações, congressos e movimentos internacionais, artes plásticas, assim como também manifestações do colonialismo” (PLUM, 1979, p. 60). Eram exibidos os mais recentes inventos, as máquinas mais modernas e complexas e o exótico, que ficavam expostos em mostruários/vitrines organizadas didaticamente e enciclopedicamente e que maravilhavam os que visitavam o recinto das exposições.

É interessante observar, que sediar uma exposição e definir a data, para tal, não era uma condição aleatórias, já que em várias ocasiões marcavam o centenário de datas importantes (comemorativas) para as nações sedes, sendo a sacralização de centenários (SILVA, 1992) . Como são os casos da exposição da Filadélfia, EUA, em 1876, que comemora os cem anos da Independência daquele país, o da Exposição de 1889 em Paris, comemorativa do centenário da Revolução Francesa; e, é claro, das grandes exposições ocorridas no Brasil, a Exposição Nacional Comemorativa da Abertura dos Portos, em 1908, e a Exposição Comemorativa do Centenário da

Independência, em 1922, ambas na cidade do Rio de Janeiro.

Uma outra característica dessa “festa da modernidade” era a monumentalidade representada na arquitetura, que se tornava um verdadeiro símbolo desses certames. Exemplos, clássicos, são o Palácio de Cristal da primeira exposição de 1851, em Londres e a Torre Eiffel (atual símbolo da cidade de Paris) construído para a Exposição Centenária da Revolução Francesa, em 1889. Os prédios, em sua maioria, e também as parciais reurbanizações eram efêmeros (LECOQ, 1984 *apud* SILVA, op. cit.), ou seja, construídos apenas para o evento. No caso das reurbanizações, por vezes, eram pontuais, ou seja, limitavam-se apenas aos arredores do local que iria sediar a exposição. Apesar de ainda existirem alguns pavilhões das grandes exposições remanescentes no espaço urbano, os prédios monumentais eram construídos para serem destruídos logo após o fim do evento. Era criado um mundo novo, uma arquitetura própria (já que as construções não seguiam um padrão arquitetônico, o que por vezes tornava-se confuso visualmente), para a exibição dos produtos e da técnica. Esses espaços eram verdadeiros cenários de um espetáculo com jardins, praças, estátuas, portões e monumentos edificadas.

Sandra Pesavento entende que, se na Europa esses eventos indicam obstáculos encontrados na sociedade de classes, no Brasil, ao contrário, os eventos têm o intuito de organizar esse tipo de sociedade, afinal, a modernização no Brasil é tardia e se dá sobre estruturas arcaicas (escravismo, latifúndio e monocultura). Assim, as Exposições Universais no Brasil possuem o sentido de romper com o passado colonial escravista. Por esta razão, a elite esclarecida brasileira possui uma ânsia por se apropriar das tendências intelectuais européias, ou seja, o Brasil está constantemente tentando se aproximar do ritmo de desenvolvimento europeu, de acordo com as palavras de Pesavento, tentando “acertar o passo com a história” (PESAVENTO, 1997, p. 97) Podemos dizer, ainda, que o Brasil tinha uma posição intermediária diante das demais nações, isto é, não estava do lado das colônias mas também não estava, ainda, à altura das nações do porte da França, Inglaterra, Estados Unidos... Havia, no caso brasileiro,

uma tensão entre o exótico (a face de permanências coloniais) e a civilidade (a face expressa pela república).

## Resultados

Foi possível verificar que a cidade do Rio de Janeiro é palco privilegiado na gestão de um novo projeto de Brasil, republicano, inserindo o país na modernidade, através da tradição, do urbanismo e da arquitetura. Assim, o meio encontrado para evidenciar ao mundo a (suposta) civilização e progresso brasileiro, foi a realização de uma grande Exposição, inicialmente de caráter nacional, para mostrar as obras de reestruturação do espaço público e saneamento, realizadas no início do século. A data encontrada para esse primeiro grande evento foi o Centenário da Abertura dos Portos em 1908, sacralizando a introdução oficial do Brasil no mercado internacional, em 1808. Assim, esta exposição pretende marcar o novo caminho do Brasil no comércio internacional, tentando acabar, definitivamente com o vínculo colonial. A Exposição de 1908 também serviria de preparação da representação brasileira que iria à Exposição Internacional de Bruxelas, de 1910.

A Exposição de 1922 seria a apoteose, na medida em que o Rio de Janeiro não seria apenas a capital brasileira da modernidade mas, como sede de uma exposição internacional, seria também a capital do progresso universal. A cidade remodelada, sem o morro do Castelo – berço da cidade e um dos resquícios do passado colonial, que foi eleito como ícone do atraso brasileiro, identificado com a barbárie –, representava o aceite para a inserção do Brasil no mundo civilizado, moderno, e estava exposta para o mundo ver e reconhecer o seu progresso.

A tão almejada inserção do Brasil no mundo Moderno, não aconteceu sem grandes transformações, tanto ideológicas quanto espaciais. As transformações no espaço urbano, em especial, se manifestam tanto no deslocamento de pessoas e atividades para outras áreas da cidade quanto na construção do próprio espaço das exposições. Assim, fica evidente, que o período estudado é marcado pela criação de uma nova imagem de nação e pela dinâmica que produzida na organização do espaço urbano.

## Referências

- [1] NEVES, M.S. As “Arenas Pacíficas”. **Revista Gávea**. N.º 5, Rio de Janeiro, abril de 1988, p. 29-41.
- [2] PLUM, Werner. Exposições Mundiais no Século XIX: espetáculo da transformação sociocultural. Bonn, Friedrich Ebert Stiftung, 1979.
- [3] SILVA, J.L.W. As Arenas Pacíficas do Progresso: as Exposições Universais Internacionais do século XIX; a circulação transoceânica de idéias e técnicas e a participação do Império do Brasil na Exposição Internacional de Paris de 1889. Niterói, 1992. Tese de doutorado. UFF-ICHF.
- [4] PESAVENTO, S.J. Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.